

“Gatos Pingados” – complicações fantasiosas sobre a origem de uma expressão

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo critica a origem fantasiosa da expressão “gatos pingados”, que se refere a um pequeno grupo de pessoas. Em vez de aceitar explicações populares e infundadas, o autor investiga a origem real da expressão, que remonta ao século XVIII. Ele demonstra que “gatos pingados” eram originalmente os carregadores de caixões em funerais, indivíduos desprezados e encharcados com cera de tochas. O autor apresenta evidências históricas, incluindo jornais da época, para refutar a teoria da tortura japonesa e mostrar a verdadeira origem da expressão.

Palavras Chave: gatos pingados. fantastical phraseology. history of the language.

Abstract: This article critiques the fanciful origin of the expression “gatos pingados”, which refers to a small group of people. Instead of accepting popular and unfounded explanations, the author investigates the real origin of the expression, dating back to the 19th century. The author demonstrates that “gatos pingados” were originally the coffin bearers in funerals, despised individuals soaked with wax from torches. The author presents historical evidence, including dictionary citations and newspapers from the time, to refute the theory of Japanese torture and show the true origin of the expression.

Keywords: gatos pingados. fantastical phraseology. history of the language.

Introdução – fraseologia fantasiosa: torturar sadicamente gatos

Como se sabe, “Meia dúzia de gatos pingados” é um modo de indicar uma quantidade muito pequena de pessoas: um grupo pequeno e pouco expressivo, de pessoas também irrelevantes.

A discussão em torno da origem da expressão “gatos pingados” é um notável exemplo de como fraseólogistas/etimologistas podem (infelizmente com demasiada frequência) – ignorando fontes históricas e confiando em sua “intuição” – abandonar o simples e descambiar para rebuscados delírios de imaginação, sobrepondo a vaidade de confiar em sua “brilhante sacada” ao rigor da pesquisa científica.

Recolhamos aqui um par de exemplos, sobre a referida expressão. Lemos no “Educar” do site Terra:

Qual a origem da expressão “gato pingado”?

Quem já não ouviu a frase “Tinha meia dúzia de gatos pingados”? A expressão geralmente é usada para designar pequena quantidade de pessoas.

Segundo nos informa o professor Ari Riboldi no seu livro *O Bode Expiatório*, a expressão estaria vinculada a uma prática de tortura, no Japão, em que se derramava óleo fervente em criminosos ou animais, sendo os gatos as maiores vítimas. Poucas pessoas ficavam assistindo a

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br.

essa macabra tortura, restando apenas os gatos pingados com óleo no local.
(<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/qual-a-origem-da-expressao-gato-pingado,4c18d8aec67ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>
Acesso em 20-11-2025)

O disparate é acolhido também no site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, como adverte Sérgio Rodrigues:

Aqui o bom senso costuma ser nosso guia mais confiável. Se o perdemos de vista, corremos o risco de abraçar teorias fantasiosas como esta que circula na internet (citada até pelo sério site lusitano Ciberdúvidas da Língua Portuguesa) sobre gato-pingado:
“No Japão existiria uma tortura que consistia em despejar pingos de óleo fervente sobre a pele de um infeliz. Os recipientes de onde se despejava o óleo tinham a requintada forma de gatos, num toque decorativo tão oriental. Eram os gatos ‘pingados’”.
(<https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/de-onde-veio-a-expressao-gatos-pingados/> Acesso em 20-11-2025)

Até em uma dissertação de mestrado da Universidade Nova de Lisboa sobre Expressões Idiomáticas, afirma-se categoricamente:

Um exemplo do primeiro tipo de composição é gatos pingados, usando-se para referir uma suposta inferioridade de alguém. Esta expressão é oriunda do Japão, onde havia a prática de torturar as pessoas ou os animais pingando óleo quente me cima deles.
(<https://run.unl.pt/bitstream/10362/77161/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20-%20Federica%20Fiore%20-%20Vesr%C3%A3o%20corrigida.pdf> Acesso em 20-11-2025)

Também Pedro Bial, em seu Instagram adere à hipótese de tortura de gatos com pingos de líquido fervente (<https://www.instagram.com/reel/C1cc1lsONJ3/>
Acesso em 20-11-2025)

Os verdadeiros gatos pingados. O uso da expressão na imprensa do século XIX

Na realidade, a coisa é bem mais simples. Bastaria uma olhada no dicionário para encontrar pistas muito melhores:

gato-pingado

1. [Informal] Empregado de agência funerária que trata das cerimônias de enterro.
 2. [Antigo, Popular] Indivíduo que, a pé e de tocha, acompanhava os carros fúnebres.
- (<https://dicionario.priberam.org/gato-pingado> Acesso em 20-11-2025)

A expressão é muito antiga e realmente referia-se a acompanhantes de enterro. Um exemplo, entre muitos: João Nogueira escreve em 1934:

Há cinquenta annos passados, os enterros entre nós eram verdadeiras procissões, que se estendiam, algumas vezes, por mais de um dos nossos quarteirões. Abria o préstio uma cruz negra de cuja peanha pendia uma saia, que era um panno de velludo preto com franjas douradas, affectando a forma desta peça de vestuário. As irmandades marchavam em longas filas solemne e silenciosamente. Precedido pelo cura da Sé, vinha o féretro, levado por quatro empregados da Misericórdia, vestidos de preto, com cartolas de oleado reluzente, casacas e calças debruadas de amarello. O caixão repousava sobre duas travessas cujas pontas descansavam sobre largas correias, que os conductores traziam a tiracollo. Eram estes os **gatos pingados**, pobres homens ridicularizados que, aliás, prestavam um grande e penível serviço a mortos e vivos, pois não lhes custava pequeno esforço percorrer dois ou mais kilometros em marcha lenta, carregando peso, vestidos como iam e sob um sol de fogo.

NOGUEIRA, João. Enterros no tempo antigo. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, v. 48, 1934, pp. 77-78.

Pesquisando na Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), verificamos que os gatos pingados (abreviaremos por GPs), são mencionados desde os primórdios de nossa imprensa (a primeira aparição é de 1824). Literalmente, GPs eram os carregadores de caixão: miseráveis (gatos), (res)pingados pela cera das tochas que portavam em sua fúnebre caminhada.

Na época, tanto “gato” quanto “pingado” eram depreciativos.

“Gato” já é usado em 1823 para indicar alguém insignificante:

Oh vergonha! Quatro gatos que miam querem ser o Pantomegas [o centro decisivo, a substância essencial] de huma instituição (...) (“Sentinella da Liberdade” RJ, 23-10-1823).

E o mesmo vale para “pingado”:

Pingados mesmo, sem vintem, sem ilustração e já gastos, como diz S. Ex.
Ex.
 (“Correio Mercantil” RJ, 25-01-1864).

Esses terríveis prognosticos, de que se alimenta o paladar depravado de pingados noveleiros.
 (“Correio Mercantil” RJ, 24-09-1865).

A impressão que se tem, consultando a BN, é que a expressão “gatos pingados”, no início do século XIX, já era suficientemente antiga e familiar para poder ser empregada também em sentido não literal, simplesmente de: ralé, Zé-Ninguéns, bagrinhos da mais baixa categoria.

Por exemplo, ante o alarmismo de um tal Analysta, que se insurgira contra reivindicações dos estudantes do Liceo Paulistano, um missivista protesta:

Tresentos Estudantes inexpertos de tactica militar haviam de dexcidir da sorte de cinco milhões de habitantes, que comtem o Brasil?

Similhantes planos só podem ser concebidos pela burlesca irmandade,
que com meia duzia de gatos pingados decreta o extermínio da
Constituição (...)
(“O Farol Paulistano”, 11-04-1829)

Observe-se, ademais, que – na citação acima – é a primeira vez que aparece na imprensa a famosa fórmula: “meia dúzia de gatos pingados”.

Naturalmente, a expressão é igualmente usada no sentido próprio, como no poema:

O rancor não quiz guardar
Tive dó dos seus peccados
E pelos gatos pingados
Logo o mandei enterrar
(“O Mosaico” Lisboa, 1839, No. 42)

Em sessão do Senado, o Visconde de Albuquerque dirige-se jocosamente aos colegas parlamentares:

Outr’ora nós já fizemos aqui de gatos pingados (*risadas*); sim,
esquecemo-nos de altos deveres e fomos tratar de cemiterios (...) e
ocupámos muitas sessões com isso.
(“Jornal do Commercio” RJ, 12-06-1856)

E no satírico “enterro” do Partido Liberal de Marapicú, consta a seguinte programação:

No momento de se lhe dar sepultura, uma duzia de mulhertes carpideiras de cabelos desgrenhados, duas irmãs de caridade e quatro gatos pingados da Misericordia entoarão a seguinte nenia (...)
(“Correio Mercantil” RJ, 05-02-1861)

Considerações finais

Na realidade, a coisa é bem mais simples. Bastaria uma olhada no dicionário para encontrar pistas muito melhores:

Em suma, a investigação sobre a origem de “gatos pingados” serve como um lembrete da importância de basear nossas interpretações em evidências sólidas, em vez de nos deixarmos levar por narrativas sensacionalistas ou “achismos”. Ao desmistificar a crença popular na tortura japonesa, e ao apresentar a verdadeira história dos carregadores de caixão, este artigo não apenas esclarece a origem da expressão, mas também destaca a necessidade de rigor e precisão na pesquisa linguística e histórica. A busca pela verdade, mesmo em detalhes aparentemente triviais, enriquece nossa compreensão da língua e da cultura.